

Verticalização da Produção: Indústrias de Esmagamento

1. Introdução

O estado de Mato Grosso do Sul se consolidou como um grande produtor de soja e milho. A produção de soja para a safra de 2024/2025 fechou em 14,06 milhões de toneladas, enquanto a produção de milho obteve resultado de 13,9 milhões de toneladas, segundo dados da Aprosoja/MS. Dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/ComexStat) mostram que para todo o ano de 2025, cerca de 43% da produção de soja foi destinada à exportação, enquanto isso, apenas 14,4% da cultura de milho teve seu volume exportado. Isso mostra que a demanda local possui uma margem para disputar esse volume exportado, transformando a matéria-prima exportada em produtos processados, gerando maior valor agregado.

Sob a ótica do armazenamento dessas culturas, o estado obteve um crescimento sutil, com o aumento de 4,1 milhões de toneladas na capacidade de estoque para o período 2020 a 2025, conforme dados da Conab, tendo para o ano de 2025 cerca de 15,59 milhões de toneladas de estoque, um déficit de cerca de 12,4 milhões de toneladas entre o volume total de produção e a capacidade de estocagem.

Questões mercadológicas e logísticas são os principais fatores que contribuem para afetar as condições de estoque disponíveis, uma vez que a maior parte desse estoque vai se manter aguardando melhores condições de venda.

A análise do texto a seguir visa desenvolver a possibilidade de estruturação de novas indústrias de esmagamento de soja, buscando entender melhor possíveis bolsões de desenvolvimento em regiões produtoras, onde se faz possível estabelecer novos setores produtivos ligados diretamente ao agronegócio e desenvolver a agroindústria no estado.

2. Metodologia

Para estruturar uma análise geoespacial, algumas variáveis foram definidas. A primeira delas diz respeito à produção e à produtividade em escala

municipal; a partir de dados da equipe técnica da Aprosoja/MS, foram determinadas a área e a quantidade produzida para o período da Safra 2024/2025, tanto para a cultura de soja quanto para a de milho.

Outra variável de análise é a quantidade de armazéns disponíveis e sua capacidade de estocagem. Para isso, utilizaram-se os dados de cadastros de armazéns da Conab, com tratamento em escala municipal feito pela equipe da Aprosoja/MS.

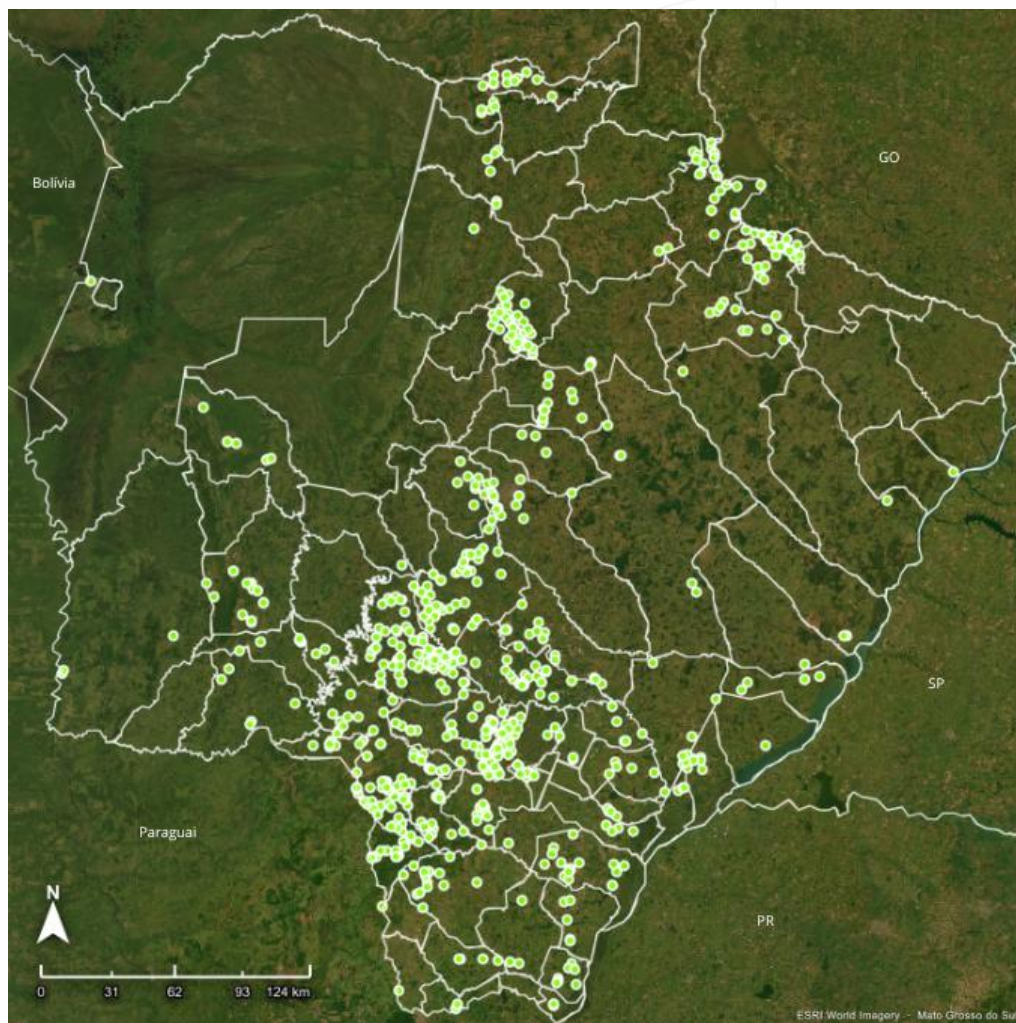
O déficit de armazenagem municipal foi obtido pela diferença entre a produção total de grãos (soja + milho) e a capacidade instalada de armazenagem em cada município. Esse indicador expressa a quantidade de produção que não encontra suporte físico para estocagem local, sendo um parâmetro essencial para identificar gargalos logísticos e potenciais perdas econômicas associadas à comercialização precoce e à existência de outra possibilidade de comércio.

Vale ressaltar que para a produção total de grãos, são considerados apenas os valores absolutos obtidos por meio dos dados de produtividade da Aprosoja/MS, sem considerar a margem de segurança de 20% estabelecida pela Food and Agriculture Organization (FAO) da ONU.

3. Armazéns

O estado de Mato Grosso do Sul possui, segundo dados de registro da Conab, 627 unidades armazenadoras, as quais detêm 967 Certificados de Depósito Agropecuário (CDA). Juntas, essas unidades totalizam 15,59 milhões de toneladas de capacidade de estoque disponível.

Figura 1 – Armazéns registrados



Elaboração: Aprosoja/MS

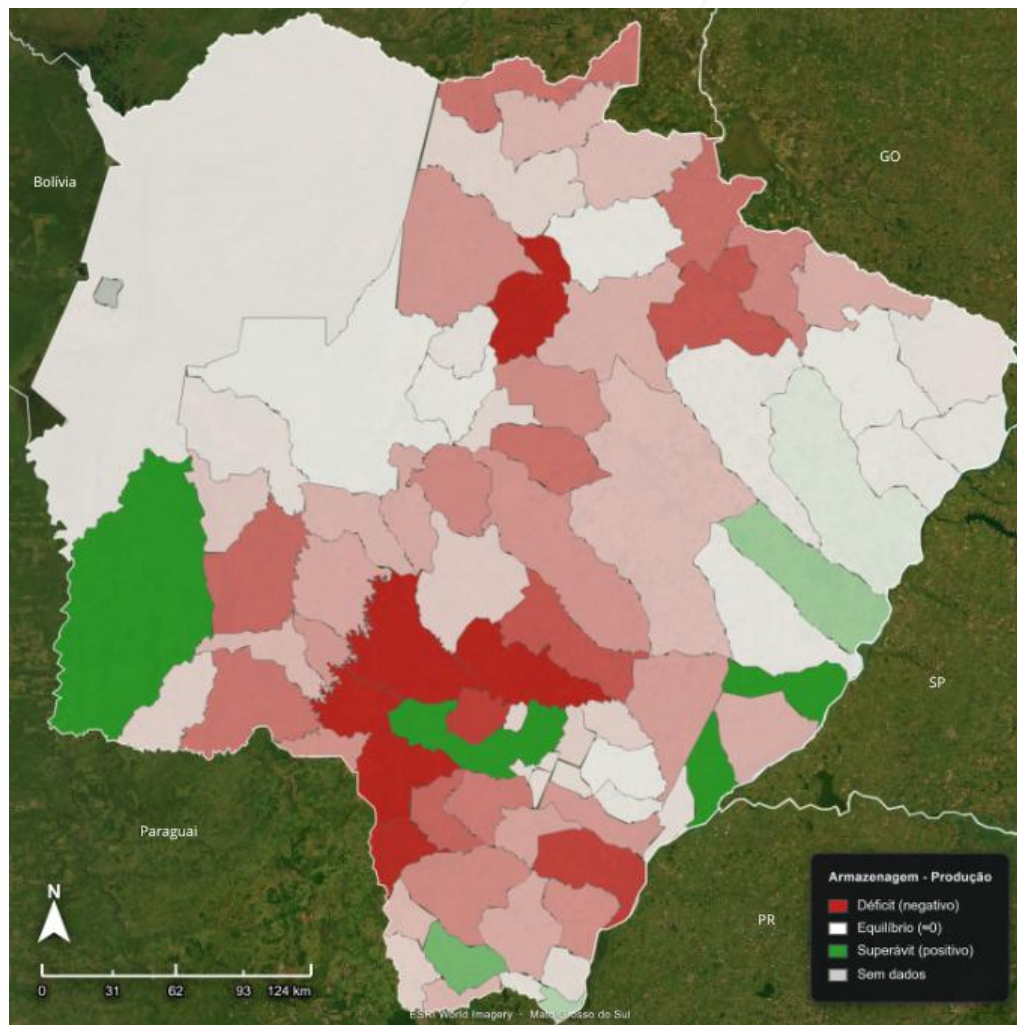
4. Armazenamento e Produção

Ao analisar os dados de produção total e armazenamento por município, descobrimos que apenas 8 dos 78 municípios observados possuem uma capacidade de armazenagem superior ao seu volume produzido. Todos os demais apresentam déficit em sua capacidade estática.

Percebe-se que as regiões que concentram as maiores estruturas e volumes de armazenagem são, contraditoriamente, as que possuem os maiores déficits, com exceção do município de Dourados, que se comporta como um

grande hub logístico, uma vez que atende à forte demanda produtiva de seu entorno.

Figura 2 – Armazenagem menos produção



Elaboração: Aprosoja/MS

Esses valores indicam que a falta de estrutura para armazenamento em um município força o escoamento da produção para outras regiões, gerando um custo logístico adicional, somado às despesas de estocagem terceirizada. Cenários de alto déficit de armazenagem intensificam o efeito da pressão de colheita, obrigando o produtor a vender imediatamente parte ou a totalidade da safra em períodos nos quais os preços do mercado físico costumam estar em baixa.

 (67) 3320-9700

 aprosojams@aprosojams.org.br

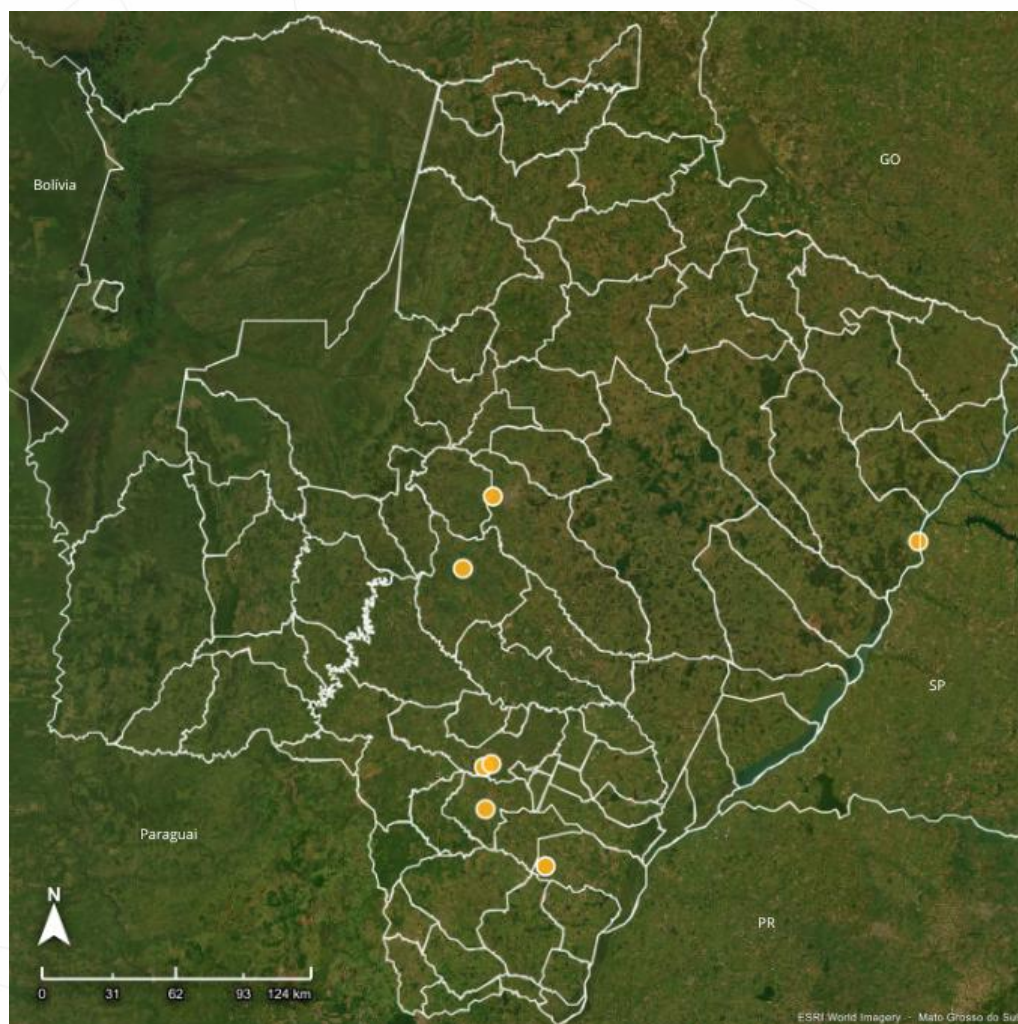
 www.aprosojams.org.br

 Rua Marcino dos Santos, 401, Bairro Cachoeira II
Campo Grande/MS - CEP 79040-902

5. Esmagadoras já estabelecidas

As esmagadoras têm por característica principal a transformação de uma matéria-prima em um produto semiacabado ou acabado. As esmagadoras de soja transformam o grão em dois subprodutos: o farelo de soja, produto que representa a principal fonte de proteína vegetal para a alimentação animal, e o óleo bruto de soja, utilizado como matéria-prima para biocombustível, indústria química e de alimentação.

Figura 3 – Esmagadoras estabelecidas em Mato Grosso do Sul



Elaboração: Aprosoja/MS

No estado de Mato Grosso do Sul, estão estabelecidas as seguintes unidades esmagadoras de soja:

- Coamo – Dourados;
- Bunge – Dourados;
- ADM – Campo Grande;
- Copasul (em construção) – Naviraí;
- Cargill – Três Lagoas;
- Cooperativa LAR – Caarapó;
- Rio Pardo Proteína Vegetal – Sidrolândia.

Com maior concentração de empresas na porção sul, área que responde por mais da metade da produção estadual, as esmagadoras desempenham um papel fundamental no abastecimento de insumos para a forte cadeia de proteína animal integrada no entorno de Dourados.

6. Alternativas

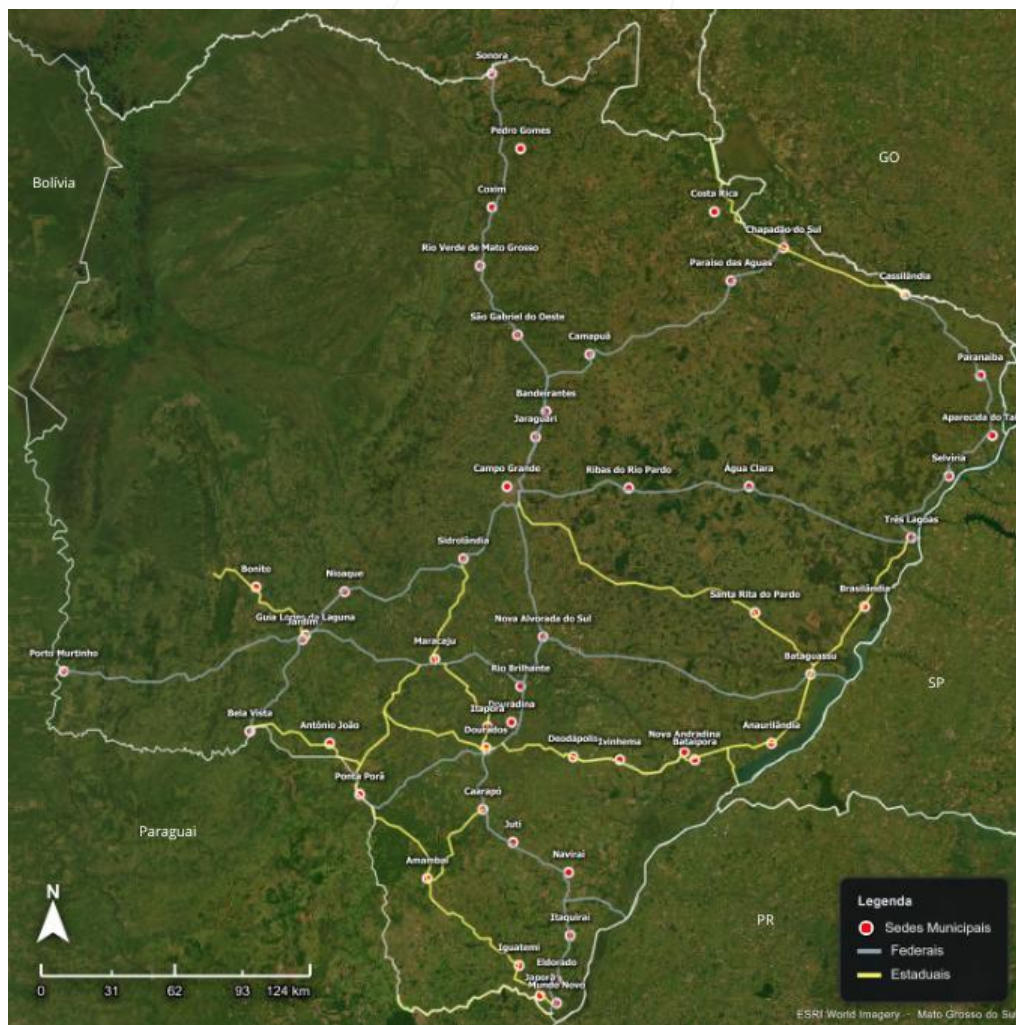
A proposta principal do estudo é identificar áreas de instalação de indústrias esmagadoras de soja como uma alternativa para amenizar o déficit de armazenamento do estado, apontando possíveis polos estratégicos que sirvam como consumidores da oferta de produção da safra. Para tal, a avaliação de algumas variáveis que viabilizem essa oportunidade é necessária.

A primeira delas diz respeito à logística. O raio de captação dessa matéria-prima ociosa, ou seja, que não está destinada à venda imediata e possui uma dificuldade de estocagem por conta do déficit, deve ser determinado através da capacidade produtiva da indústria a ser estabelecida, assim como de sua própria capacidade de armazenamento. Além disso, a saída desse material já manufaturado, ou semimanufaturado, para seus predeterminados polos de distribuição e consumo também deve ser avaliada. Todos esses elementos devem ser considerados para que se encontre um "marco zero" que estabeleça a melhor condição logística de distância e custos entre a entrada e a saída dos materiais.

Sob a ótica da malha rodoviária estadual, as diferentes zonas do estado se encontram em condições distintas. As regiões sul e sudoeste, que apresentam a maior porção produtiva do estado e o maior déficit de armazenamento, possuem opções rodoviárias mais diversas, entre rodovias estaduais e federais. Nessas localidades, torna-se mais viável o escoamento da produção tanto para o estado

de São Paulo quanto para o Paraná e, conseqüentemente, conecta-se aos grandes polos de confinamento de proteína animal, e para a exportação, quando não destinada ao consumo interno.

Figura 4 – Rodovias Federais e Estaduais



Elaboração: Aprosoja/MS

Por outro lado, as regiões norte e nordeste do estado se encontram em uma condição mais restrita quanto ao escoamento: municípios da região norte contam praticamente com a BR-163 para o fluxo logístico, enquanto a região nordeste possui uma malha rodoviária limitada que margeia a divisa com o estado de Goiás, embora conte com o acesso à ferrovia Malha Norte para o

escoamento voltado à exportação. Isso indica que, sob o aspecto da logística industrial e considerando a característica de múltiplos produtos gerados, a região sul-sudoeste se mostra mais favorável.

O segundo ponto de análise do estudo diz respeito à oferta de matéria-prima para a indústria. O estado de Mato Grosso do Sul exportou cerca de 43% da sua produção durante o ano de 2025. Isso indica que, dos 14,06 milhões de toneladas produzidas, 6,1 milhões foram destinados à exportação. Do total não exportado, uma parte expressiva é usada pela agroindústria para a produção de biodiesel e ração para a proteína animal. O aprimoramento deste setor de subprodutos da soja, seja como produtos prontos ou semimanufaturados, traz o benefício da agregação de valor, gerando uma valorização tanto do produto finalizado quanto da matéria-prima. Isso torna os preços menos voláteis e incentiva o produtor a fazer parte da cadeia produtiva.

A viabilidade de uma esmagadora de soja depende de uma variável importante: a margem de esmagamento (*Crush Spread*). Essa margem é definida através do valor combinado do farelo de soja mais óleo bruto de soja, descontados os custos de processamento e o custo do grão (matéria-prima). Essa margem irá mostrar a rentabilidade industrial, e ela permite observar a margem que esta nova indústria consegue suportar.

Segundo dados do estado de Mato Grosso do Sul, as cadeias esmagadoras já instaladas possuem uma capacidade de 17,5 mil toneladas de processamento diário, o que representa 6,3 milhões de toneladas anualmente. Se desconsiderarmos o valor de 43% da produção que foi destinada para a exportação, restaria apenas 12,1% disponível do saldo de produção para uma nova empresa, cerca de 1,71 milhões de toneladas. Sob uma condição de capacidade operacional de 2.500 a 3.000 toneladas/dia, valores registrados pelas principais esmagadoras já estabelecidas no estado, um novo polo demandaria um processamento superior a 900 mil toneladas por ano.

Visto que a estocagem e o processamento constante da matéria-prima diminuem a sazonalidade causada pela colheita, caberia à indústria definir sua escala mínima eficiente. A definição do seu custo médio dependerá diretamente da produtividade alcançada pela planta, bem como de sua capacidade ociosa. Esta última pode ser afetada por condições adversas, tais como a baixa demanda

por seus subprodutos, o aumento da concorrência local ou a falta de matéria-prima por fatores externos (como uma forte pressão exportadora ou quebras de safra por questões climáticas).

O terceiro ponto de observação deste estudo visa determinar que os polos a serem definidos possuam uma condição de competitividade entre si, explorando o conceito de uso da matéria-prima de forma mais eficiente, uma vez que todas as unidades estabelecidas buscam absorver essa desigualdade de armazenamento, e através de inovação como um mecanismo de crescimento e desenvolvimento, já que as empresas podem estabelecer novos produtos processados e manufaturados através da mesma matéria-prima.

Outras questões também são pertinentes à análise da conjuntura. A política de incentivos ou a própria complexidade tributária local podem se tornar impeditivos para a instalação da planta, mesmo após a determinação de um ponto estratégico ideal para o fornecimento de matéria-prima. Da mesma forma, a concorrência com outros setores que demandam o mesmo grão também deve ser considerada na avaliação de risco do projeto.

7. Considerações

A análise de todos os elementos abordados pelo estudo mostra que o estado de Mato Grosso do Sul apresenta condições favoráveis para a atração de novas indústrias do setor de processamento de soja, porém se faz necessário observar alguns pontos importantes.

A natureza dinâmica do estoque, apesar de nos apresentar uma realidade da situação atual do estado, também superestima o problema, uma vez que a armazenagem tem giro ao longo de um ano, indicando que a relação de armazenamento e produção considera o pior cenário. Porém, mesmo sob essa dinâmica, a diferença negativa substancial mostra que o problema se estende por todo o período, se considerarmos que o produtor faz uso da não comercialização do grão como um mecanismo de negociação de preço. A instalação de uma nova indústria traria tanto um giro maior quanto mais capacidade de armazenagem.

Sendo o Brasil um país majoritariamente dependente do modal rodoviário, o nosso estado apresenta condições opostas entre suas duas principais regiões.

Em um cenário de produção voltado à exportação, seja em escala nacional ou internacional, as regiões sul e sudoeste se mostram muito mais viáveis. As rotas de entrada e saída para o escoamento da produção aos seus principais mercados compradores mostram que a logística é um ponto-chave, assim como a definição da proximidade com os armazéns para a coleta da matéria-prima regional.

A concorrência com as empresas já consolidadas na porção centro-sul indica outro elemento determinante na escolha do ponto de instalação. O estabelecimento de novos polos processadores pode acirrar a briga pelo preço da matéria-prima, comprimindo as margens de lucro da indústria. Esse comportamento é comum em mercados de concorrência imperfeita, mas deve ser considerado um fator de risco alto em períodos de quebra de safra ou baixa produtividade, momentos em que a escassez do grão afeta toda a cadeia produtiva. A busca seria através da diminuição da porcentagem de matéria-prima exportada, uma vez que a demanda local estaria aquecida e ofertaria melhores preços.

A demanda pelo produto processado também é um fator importante. O crescente avanço das granjas de confinamento de proteína animal no estado, somado às estruturas já consolidadas na região sul do Brasil, indica que a busca pelo farelo de soja continuará aquecida. Além disso, as diretrizes governamentais que estipulam o aumento gradual do percentual de biodiesel na mistura do diesel fóssil, visando a uma matriz de transporte mais limpa, garantem que a demanda pelo óleo bruto de soja se manterá sólida.

Todas essas condições evidenciam que o estado de Mato Grosso do Sul pode evoluir para um patamar de agroindustrialização no qual não é necessário abandonar o modelo produtivo atual. A chegada de novas indústrias faz com que o estado fique menos refém das condições de preços globais da commodity bruta, diversifique seu catálogo de produtos para exportação e aproveite sua posição geográfica estratégica. Com a consolidação da Rota Bioceânica, o estado passará a ter uma localização altamente privilegiada para o comércio com o mercado sul-americano e global.

Suporte Técnico

Coordenador Técnico

Gabriel Balta

Coordenador de Campo

Dany Corrêa

Analistas de Geoprocessamento

Eduardo Amorim

Eveline Bezerra

Staël Caroline Rego

Analista Técnico

Lucas Almeida

Equipe de Campo

Adriana Jara

Alexandre Santos

Aldinei Ortiz

Arywander de Andrade

Diego Batistela

Gabriela Silva

Geizibel Gomes

Giovanny Vilela

José Alberto Santos

Lilian Ferreira

Patrícia Vilela

Wesley Santos

Wesley Luan da Silva

Suporte Administrativo

Gerente Institucional

Tauan Almeida

Coordenadora Financeira e Contábil

Teresinha Rohr

Coordenador Administrativo

Kelson Ventura

Assistente Financeira e Contábil

Gislaine Alencar

Assistente Administrativa

Valéria Henrique

Comunicação e Marketing

Coordenadora de Comunicação

Crislaine Oliveira

Assistentes de Comunicação

Marcos Maluf

Beatriz Julio

Estagiária

Carolina Toffanetto

Elaboração

Linneu Borges Filho – **Analista de Economia**

economia1@aprosojams.org.br

Raphael Gimenes – **Analista de Economia**

economia2@aprosojams.org.br

Diretoria Executiva

Diretor Presidente

Jorge Michelc

Vice-presidente

Andre Dobashi

1º Diretor Administrativo

Paulo Stefanello

2º Diretor Administrativo

Pompilio Silva

1º Diretor Financeiro

Fábio Caminha

2º Diretora Financeira

Malena May

Diretores Regionais

Lucio Damália

Geraldo Loeff

Eduardo Introvini

Diogo Peixoto da Luz

Conselho Fiscal

Luciano Muzzi Mendes

Sérgio Luiz Marcon

Thaís Zenatti

Luis Alberto Moraes Novaes

Gervásio Kamitani

Fabio Carvalho Macedo

Conselho Consultivo

Juliano Schmaedecke

Christiano Bortolotto

Maurício Koji Saito

Almir Dalpasquale